

Elites regionais, guerra e compadrio: a família Ribeiro de Almeida e suas redes de relações (Rio Grande do Sul, c. 1816 – c. 1844)

*Luís Augusto Ebling Farinatti**

*Jonas Moreira Vargas***

RESUMO

O artigo analisa os laços de compadrio do casal Bento Manoel Ribeiro e Maria Mâncio e propõe um estudo dos mesmos a partir da análise de redes (*network analysis*). O marechal do Exército Bento Manoel Ribeiro foi um dos mais ricos estancieiros da fronteira sul do Brasil, tornando-se importante líder político e militar na primeira metade do Oitocentos. Numa sociedade na qual as redes clientelares possuíam notável relevância na estruturação dos poderes locais e regionais e no exercício do mando, as redes de compadrio tinham importante papel, pois refletiam parcela das múltiplas relações sociais estabelecidas por essas elites. As principais fontes utilizadas são os registros de batismo.

Palavras-chave: Brasil Imperial; redes sociais; compadrio; guerra; fronteira.

ABSTRACT

This paper studies the couple Bento Manoel Ribeiro and Maria Mâncio's *compadrio* ties in their community and proceeds to a network analysis of such connections. The Army Marshal Bento Manoel Ribeiro was among the wealthiest ranchers around Brazil's Southern frontier, and was an important political and military leader in the first half of the nineteenth century. In a society where patronage networks had remarkable relevance in local and regional power shaping, and in the exertion of authority, the *compadrio* network played an important role, as it reflected part of the multiple social relationships established by those elites. The main sources used in the article were baptismal records.

Keywords: Imperial; social networks; *compadrio*; war; frontier.

Artigo recebido em 6 de junho de 2014 e aprovado para publicação em 18 de agosto de 2014.

* Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor adjunto III da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: lafarinatti@gmail.com.

** Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-doutorando PNPd-Capes junto ao departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Canoas, RS, Brasil. E-mail: jonasmvargas@yahoo.com.br.

A primeira metade do século XIX contemplou a erosão dos impérios coloniais ibéricos na América, a construção de novos ordenamentos políticos em diferentes territórios, bem como a abertura e expansão de novas frentes de produção e circuitos comerciais. Nesse contexto, as relações da política institucional e do mercado se apresentavam imbricadas com relações de reciprocidade vertical e horizontal. A circulação e acumulação de recursos, bem como a produção e viabilização da administração e da guerra, se faziam por todos esses meios. O estudo desses diversos fatores levou ao desenvolvimento de uma importante historiografia que destacou o papel das relações familiares, sobretudo na produção do poder das elites locais e regionais. Como veremos, uma onda recente de críticas pertinentes atacou o mecanicismo de algumas dessas análises, que praticamente reduziam as alianças significativas ao âmbito da família, e dotavam-na de um poder que era naturalizado na análise.

Neste artigo, propomos um estudo das relações de reciprocidade e aliança, do papel das relações familiares nesse contexto e da possibilidade de realizar uma análise diacrônica desses fatores. Para tanto, abordaremos a questão a partir das relações de compadrio de uma família da elite regional do sul do Brasil. O foco do estudo é a rede de compadrio do marechal Bento Manoel Ribeiro e sua esposa Dona Maria Mâncio, na capela de Alegrete. Tratava-se de uma região de fronteira pretendida por diversos projetos de soberania em disputa, área recém-conquistada pelos luso-brasileiros, onde havia expressiva presença demográfica de guaranis dantes residentes nas Missões controladas pela Espanha. Uma área onde a guerra era uma constante, de grande instabilidade institucional, mas que, ainda assim, foi uma importante frente econômica, destacando-se pela criação de gado e produção de carne-seca. Por sua vez, do ponto de vista metodológico, cremos ser possível compatibilizar uma abordagem baseada na *network analysis* (análise de redes sociais) com o estudo das relações de compadrio.

Sobre a família e as suas alianças

O papel da família como entidade social englobante na vida social dos períodos colonial e monárquico é tema controverso na historiografia brasileira. Das definições clássicas da família patriarcal de Gilberto Freyre ou dos clãs parentais de Oliveira Vianna, passamos para uma crítica vinda, sobretudo, de estudos de história demográfica, que apontavam a variedade dos arranjos familiares no Brasil colonial. Depois, houve uma reavaliação do conceito de patriarcalismo e de seus possíveis significados para o estudo não apenas da composição familiar, mas principalmente de uma cultura que vinculava a identidade e a atuação dos indivíduos.¹ Mais recentemente, historiadores do período colonial vêm aplicando criativa-

¹ Para uma avaliação dessa trajetória das pesquisas sobre história da família no Brasil, ver: SCOTT, Ana S. V.

mente o conceito de “casa” ou “oikos”, empregados no estudo de famílias no Antigo Regime europeu.² Por meio dele, buscam construir um conceito que dê conta da inclusão de grupos de elite e de subalternos, como os escravos, em organizações que não impliquem submergir os últimos nas lógicas ditadas pelos primeiros.

Por sua vez, nos estudos de grupos sociais hispano-americanos, especialmente no caso de elites econômicas, burocráticas ou políticas, vemos crescer uma crítica incisiva à noção demasiadamente rígida de família patriarcal, que colocava a família como o verdadeiro agente social no mundo colonial e oitocentista, agindo sob a exclusiva direção de um patriarca. No caso das “famílias de elite”, na maior parte das vezes, a família era tomada a partir das características socioprofissionais de seus integrantes, investigando-se, assim, famílias de comerciantes, de proprietários rurais, de funcionários de governo. Partia-se do núcleo familiar para fazer um estudo geracional, enfocando a trajetória da família e as relações que ia construindo, por exemplo, através de alianças matrimoniais.³

O questionamento a esses estudos vem de vários lados, mas um dos mais importantes se localiza entre os historiadores que passaram a praticar, como um de seus métodos de investigação, a análise de redes (*network analysis*).⁴ Assim sendo, alguns princípios básicos sobre a utilização deste método precisam ser enunciados. Conforme Mitchell, a rede social seria um conjunto específico de conexões entre um grupo definido de pessoas, sendo que as características de tais conexões podem ser usadas para interpretar o comportamento social dos indivíduos nela implicados.⁵ Na mesma linha, Bertrand considerou que:

As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. *História: Questões e Debates*, Curitiba, UFPR, n. 51, p. 13-29, jul./dez. 2009; FARIA, Sheila de Castro. História da família e da demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

² Ver, entre outros, HAMEISTER, Martha. *Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1863)*. Tese (Doutorado) — PPGHIS-UFRJ Rio de Janeiro, 2006; SIRTORI, Bruna. *Entre a cruz, a espada, a senzala e a aldeia. Hierarquias sociais em uma área periférica do Antigo Regime (1765-1784)*. Dissertação (Mestrado em história) — PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2006; GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007; KUHN, Fábio. *Gente da fronteira: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – Século XVIII*. Tese (Doutorado) — PPGH-UFF, Niterói, 2006. FRAGOSO, João. Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, pardo: notas sobre a hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760). In: FRAGOSO, J.; GOUVÊA, M. F. (Orgs.). *Na trama das redes: política e negócios no império português, séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 243-294.

³ Como, por exemplo, BALMORI, Diana; VOSS, Stuart; WORTMANN, Miles. *Las alianzas de familias y la formación del país en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

⁴ Ver, entre outros, BERTRAND, Michel. De la familia a la red de sociabilidad. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 61, n. 2, abr./jun. 1999; BERTRAND, Michel. Los modos relacionales de las élites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. *Anuario del IEHS*, Tandil, v. 15, p. 61-79, 2000; MOUTOUKIAS, Zacarías. Familia Patriarcal o redes sociales: balance de una imagen de la estratificación social. *Anuario del IEHS*, Tandil, v. 15, 2000.

⁵ MITCHELL, J. Clyde. Social Networks, *Annual Review of Anthropology*. v. 3, p. 279-299, 1974.

(...) se puede definir entonces a la red social como un complejo sistema relacional que permite la circulación de bienes y servicios, tanto materiales como inmateriales, dentro de un conjunto de relaciones establecidas entre sus miembros, que los afecta a todos, directa o indirectamente y muy desigualmente.⁶

No entanto, devido ao emaranhado de ligações pessoais, as redes não apresentam um formato fácil de ser capturado. Para Moutoukias, essas “cadeias” de relações pessoais estão “incluídas em um tecido inextrincável e em ocasiões confusas, na qual é difícil distinguir o alcance e a configuração dos grupos de lealdade”.⁷ Portanto, para que a utilização do método seja proveitosa, a rede deve apresentar um tamanho manejável, pois a busca de uma rede muito ampla é algo ideal e sem sentido ou valor heurístico. Além disso, é o importante que se busque evidenciar a rede social em seu pleno funcionamento, ou seja, os diferentes agentes trocando favores e influências diversas com finalidades objetivas.

Em um recente balanço, os autores avaliaram os caminhos que os estudos de redes sociais têm trilhado entre os historiadores. De um lado, estão os trabalhos que buscam uma visão mais macroanalítica, tentando dar conta de todo um conjunto de relações e os fatores agregadores que fazem aglutinar conjuntos de relações em alguns setores do universo social. De outro, abordagens “micro”, centradas nas escolhas e agências dos sujeitos históricos. Creemos que ambas as aproximações podem ser muito úteis no estudo da história social, embora, aqui, nos utilizemos mais da segunda.⁸

Enfim, nesse contexto, a crítica de Bertrand e Moutoukias às tradicionais análises acerca do protagonismo das famílias patriarcais se dirige à naturalização da importância das relações familiares entre aqueles vínculos que condicionam as escolhas dos atores, seus processos de construção de identidades e suas formas de acessar recursos e envolver-se em relações de reciprocidade. Enfatiza-se que nem sempre os laços familiares são os mais efetivos quando se trata da atuação concreta. Da mesma maneira, se a relações parentais envolvem um potencial agregador, elas também carregam o germe de conflitos que, muitas vezes, rompem solidariedades. Alguns dos estudos criticados, por exemplo, reconstruíam o espaço do parentesco alargado e chamavam isso de “redes de parentesco”, fazendo um uso bastante precário da abordagem da análise de redes sociais.

No entanto, como apontou Michel Bertrand, não se trata de ignorar o papel das relações familiares. O que se deve evitar é a naturalização de sua importância, recusando partir da ideia de sua superioridade em relação a outros campos geradores de solidariedades, como idade, gênero, amizade, atividade profissional etc. Além disso, não se deve definir *a priori*

⁶ BERTRAND, Michel, op. cit., 2000, p. 74.

⁷ MOUTOUKIAS, Zacarias, op. cit., p. 13.

⁸ BERTRAND, Michel; GUZZI-HEEB, Sandro; LEMERCIER, Claire. Introducción. ¿En que punto se encuentra la análisis de redes en Historia? *REDES Revista hispana para el análisis de redes sociales*, v. 21, n. 1, dez. 2011. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>.

a estrutura da família, ou seja, não delimitar rigidamente suas fronteiras, tornando-a uma “coisa” dotada de propriedades definidas pela inserção socioprofissional de seus membros e cujo comportamento coletivo pode ser deduzido a partir daí. Portanto, trata-se de aplicar uma lógica mais relacional. Neste sentido, a investigação deve orientar-se para o estudo do espaço relacional dos sujeitos estudados, investigando, aí, o papel concreto das relações familiares, em cotejo com aqueles laços construídos a partir de outros espaços de atuação, como a guerra, o partido político, a vizinhança, a convivência acadêmica etc.

A atuação do casal Bento Manoel Ribeiro e Maria Mâncio na capela de Alegrete, na primeira metade do Oitocentos, se deu em um contexto de apropriação de terras recém-conquistadas, expansão da produção pecuária, endemia bélica e instabilidade institucional. As principais forças militares eram, superando os exércitos regulares, os corpos recrutados por lideranças locais, sobretudo nas milícias e na Guarda Nacional. Muitas vezes, o acesso aos meios de produção também ocorria em paralelo às relações de mercado. Um aspecto não excluía o outro, mas se combinava com ele. Em uma lista de chefes de fogos do terceiro distrito de Alegrete, em 1846, declara-se que apenas 25% eram proprietários das terras onde moravam, sendo que 75% eram agregados que viviam e produziam “a favor” nas terras dos proprietários.⁹ Não há registro de arrendatários nesta lista. Assim, naquele contexto, as relações pessoais envolvendo reciprocidades horizontais e verticais ajudavam a estruturar a política, a economia e a estratificação social. A reconstrução e análise dessas relações são difíceis, sobretudo porque, no mais das vezes, esses laços não eram formalizados. O que propomos, aqui, é uma reconstrução parcial do espaço relacional do casal estudado, com base apenas nas relações de compadrio que eles estabeleceram na paróquia de Alegrete, investigando, então, a importância das relações familiares dentro desse contexto. Adiante, fazemos algumas observações sobre os limites e possibilidades do estudo dessas relações a partir dos registros de batismo. Antes, porém, é necessário uma apresentação da trajetória daqueles sujeitos.

Gente e terras de fronteira

Bento Manoel Ribeiro nasceu em Sorocaba, capitania de São Paulo, em 1783, mas foi ainda criança para o Rio Grande do Sul, quando seus pais instalaram-se na Fronteira do Rio Pardo, na região de Cachoeira. Em 1801, sentou praça no regimento de Dragões daquela localidade. Em 1811, participou da campanha promovida por d. Diogo de Souza, no Regimento de Milícias de Rio Pardo, quando se realizou a incorporação militar das áreas ao sul do rio Ibicuí, que haviam pertencido às estâncias missionárias e, por aqueles anos, estavam em disputa entre o império português e os variados projetos de soberanias nascentes no

⁹ AHRS. *Fundo de Documentação das Câmaras Municipais*. Documentação Recebida. Alegrete, “Lista de Fogos existentes do 3º Distrito da Vila de Alegrete”, maço 18, 1846.

antigo Vice-Reinado do Prata, que fora território colonial espanhol. Nestas terras, os luso-brasileiros ergueram a capela de Alegrete. Aquela zona de boas pastagens se tornaria uma das mais importantes regiões pecuárias da província. A paisagem agrária que se construiu ali mostrava uma elite de grandes estancieiros, ao lado de médios e pequenos produtores.¹⁰ Em 1816, Bento Manoel voltou a combater, agora sob o comando do general Lecor, nas forças que enfrentaram as tropas de Artigas e acabaram por promover a anexação da Banda Oriental ao império luso, depois brasileiro. Cumpriu carreira de sucesso nessas campanhas, chegando a coronel em 1823.¹¹

Na mesma época, Bento Manoel instalou-se em Alegrete com estâncias de criação e casa no povoado. Ocupou o Comando da Fronteira de Alegrete no início da década de 1820, lutou como coronel na Guerra da Cisplatina (1825-1828) e retornou ao Comando da mesma fronteira no início da década de 1830. Em 1834, foi eleito para a Assembleia Provincial e um ano depois foi um dos líderes do movimento de 20 de setembro, que retirou da presidência da província o dr. Antônio Fernandes Braga. Depois disso, é conhecida a conduta inconsistente de Bento Manoel durante a Guerra Farrroupilha. Em 1836, quando da nomeação de José de Araújo Ribeiro para a presidência, apoiou sua posse e se colocou contra os que radicalizaram a revolta. Bento Manoel foi, então, nomeado novo comandante de armas do Rio Grande do Sul e se tornou um dos principais baluartes imperiais. Porém, em 1837, em virtude da substituição de Araújo Ribeiro por um inimigo de Bento Manoel, ele retornou para o lado Farrroupilha, onde alcançou o posto de general da República Rio-Grandense. Dois anos depois, pediu licença do cargo e exilou-se no Uruguai, sob a proteção do general Frutuoso Rivera. Em 1843, quando o barão de Caxias assumiu o comando das forças imperiais na Província, ele convidou Bento Manoel a retornar e passou-lhe o comando de metade das tropas brasileiras, culminando a guerra com o título de marechal do império.¹²

Por qualquer prisma que se olhe é uma trajetória impressionante. A meritória carreira nas campanhas da fronteira foi acompanhada da construção de um poder social, político e militar que lhe permitiu um importante grau de autonomia em seu posicionamento na Revolução Farrroupilha (1835-1845). É verdade que suas constantes trocas de lado não foram bem vistas por muitos de seus contemporâneos e, sobretudo, pelos historiadores que buscaram heroicizar republicanos ou imperiais. Mas o interessante é que Bento Manoel continuava sendo aceito cada vez que mudava de posição. A construção social desse poder político não pode ser explicada apenas pela posse de imensos latifúndios pecuários ou de um posto de

¹⁰ FARINATTI, Luís Augusto. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Santa Maria: UFSM, 2010.

¹¹ SANMARTIN, Olyntho. *Bento Manoel Ribeiro*. Ensaio Histórico. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1935.

¹² SANMARTIN, Olyntho, op. cit. Ver também SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; LEITMAN, Spencer. *Raízes Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979; GUAZZELLI, César A. Barcellos. *O Horizonte da Província: a República Rio-grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese (Doutorado) — PPGHIS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

comandante de milícias. Ele também não pode ser explicado pelo recurso retórico à figura do grande patriarca, através da naturalização do papel da família alargada nesse contexto. Entre outros aspectos, era na construção de um sólido cabedal de relações sociais que se construía esse poder. Tanto mais ao percebermos que se tratava de um contexto em que o exército de primeira linha cobria apenas pequena parte dos efetivos necessários aos combates do império e, além disso, seu grau de profissionalização era mínimo. Como já referimos, conseguir soldados, cavalos e suprimentos para as forças em combate exigia a mobilização de laços de reciprocidade, ainda que essa tarefa não fosse realizada apenas por esses meios.¹³

Portanto, a garantia de direitos de acesso a recursos produtivos e a intercessão em nome de alguém junto aos poderes mais elevados se faziam, muitas vezes, na esfera dessas relações. Nesse contexto, porém, a família seguia sendo um marco de referência relevante tanto para a construção de estratégias dos agentes como também para aqueles que a visualizavam desde fora e buscavam relacionar-se com ela. O importante é não aceitar seu papel de modo mecânico e apriorístico. O estudo das relações de compadrio em que se envolveram Bento Manoel e sua esposa, Maria Mâncio, pode nos dar pistas sobre sua posição na hierarquia social do lugar onde residiam, bem como da rede de relações em que estavam imersos e da posição que as relações familiares ocupavam na confecção dessas malhas de alianças e reciprocidades.

Compadrio e hierarquia social nas malhas de Bento Manoel e Maria Mâncio

Em se tratando de uma sociedade católica ciosa de suas práticas religiosas, os registros paroquiais de batismo constituem importante documentação para nos aproximarmos da população brasileira nos séculos XVIII e XIX, pois o sacramento envolvia a maior parte dos habitantes das paróquias rurais e urbanas, desde livres até escravos. Entretanto, nos últimos anos, os registros de batismo têm sido utilizados cada vez mais para o estudo não apenas da demografia e da estrutura familiar, mas também para cartografar redes de relações, solidariedade e alianças sociais.¹⁴ Além disso, os mencionados estudos têm apontado para a pos-

¹³ A respeito da mobilização de tropas e os meios empreendidos pelas autoridades nas situações de guerra ver RIBEIRO, José Iran. *De tão longe para sustentar a honra nacional: Estado e nação na trajetória dos militares do exército imperial brasileiro na Guerra dos Farrapos*. Tese (Doutorado) — PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁴ Ver, entre outros, SANTILLI, Daniel. Representación gráfica de redes sociales. Um método de obtención y um ejemplo histórico. *Mundo Agrario, Revista de estudios rurales*, v. 3, n. 6, 2003; HAMEISTER, Martha, op. cit., 2006; BRUGGER, Silvia M. J. Escolhas de padrinhos e relações de poder: uma análise do compadrio em São João d'El Rey (1736-1850). In: CARVALHO, José M. *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 313-347; FRAGOSO, João. O capitão João Pereira de Lemos e a parda Maria Sampaio: notas sobre as hierarquias rurais costumeiras no Rio de Janeiro do século XVIII. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla. *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 157-207.

sibilidade de reconstruir campos relacionais e modos de estratificação social a partir desses vínculos, já que uma parte importante dos fluxos de recursos que estruturavam a economia e a política passava por relações pessoais.

No entanto, é preciso alertar que a rede de relações formada pelos compadrios não era a mesma rede de todos os vínculos sociais importantes de uma pessoa. Além disso, nem todo o vínculo de compadrio acabava se configurando numa relação na qual favores diversos eram transacionados entre ambos os agentes. Havia compadrios que não se reiteravam como efetivos, por diversas razões. Alianças ritualizadas por meio do batismo de uma criança poderiam perder força ou erodir-se tempos depois. Neste sentido, o compadrio era apenas uma das formas de que se revestiam os laços sociais relevantes, ou seja, ele não esgotava a rede de relações de um indivíduo ou de uma família. Sempre tendo em conta essas limitações, pensamos, no entanto, que a reconstrução das malhas formadas pelas relações de compadrio pode, sim, nos ajudar a analisar parte importante dos recursos de que dispunha uma pessoa ou uma família. Além disso, a análise das malhas de compadrio também é útil para refletirmos sobre o papel do parentesco na construção dessas redes relacionais, e, o cruzamento desses dados com outras fontes documentais nos permitirá verificar a rede social em seu pleno funcionamento, ou seja, de como os compadres eram acionados em momentos de necessidade para a obtenção de distintos favores. Por fim, esperamos mostrar que, a partir dos assentos de batismo, é possível realizar uma análise diacrônica, trazendo elementos para pensar a construção, reiteração e transformação desses vínculos.

Para a análise das relações de compadrio em que se envolveram Bento Manoel e sua esposa Maria Mâncio, resolvemos agregar todos aqueles registros onde o casal aparece batizando em conjunto e aqueles onde um dos cônjuges batizou sem a companhia do outro. Naturalmente, há diferenças entre esses casos. Um estudo das diferenças das redes de cada cônjuge é importante, mas não há como realizá-lo neste artigo. O que faremos é detalhar algumas dessas especificidades quando a análise exigir. Na verdade, consideramos que não é abusivo aglutinar tais compadrios. Naquela sociedade, estabelecer relações com um dos cônjuges implicava conectar-se ao casal. Desprezar essa ligação, sim, é que tornaria a análise incompleta.

Buscando realizar uma análise dos registros de batismo de forma diacrônica, dividimos a época estudada em três períodos. O primeiro deles vai de 1816, quando se efetuou o primeiro batismo na capela, até 1827. Em janeiro desse ano, em meio à Guerra Cisplatina, a capela foi fechada e assim permaneceu por praticamente dois anos, sendo reaberta apenas no natal do ano seguinte. Os batizados até 1820 são esporádicos, ganhando regularidade após essa data. O segundo período, de 1828 a 1835, é de relativa paz — ao menos não havia nenhum conflito aberto em território rio-grandense até setembro deste último ano, embora os combates no Estado Oriental tivessem reflexos concretos na vida dos fronteiriços. Por fim, a época que se estende entre 1836 e 1844 está compreendida dentro da Revolução Farroupilha (1835-1845).

Primeiramente, fazemos uma análise social do conjunto daquelas mães ou casais que convidaram Bento Manoel e/ou Maria Mâncio para batizar seus filhos. Depois, estudamos essas relações a partir da análise de redes sociais agregando ao conjunto de compadres as pessoas que apadrinharam os filhos do casal estudados, bem como os “copadrinhos”, homens que o fizeram junto Maria Mâncio e mulheres que apadrinharam junto com Bento Manoel.

Na tabela 1, os compadres do casal estudado estão divididos por época e por características sociais.

Tabela 1
Compadres e comadres de Bento Manoel Ribeiro e Maria Mâncio da Conceição
(capela de Alegrete, 1816-1844)

	1816-1827	1828-1835	1836-1844	TOTAL
Oficiais milicianos e esposas	14	6	4	24
Outros e esposas	8	6	6	20
Escravo (casais ou mães solteiras)	0	0	1	1
Mãe solteira livre	1	0	0	1
Expostos	0	0	2	2
Total de compadres e comadres	23	12	11	46
Total de batizados	12	6	8	26

Fonte: Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Rio Grande do Sul. Alegrete. Livros de Batismos n. 1 e 2, 1816-1844

Um primeiro ponto que salta aos olhos é a importância dos casais onde o marido era oficial miliciano.¹⁵ Essa preponderância se expressa no total de compadres, mas é ainda mais marcada no primeiro período. Os 12 batizados ali compreendidos foram realizados entre 1820 e 1825. Nos dois anos seguintes, em meio à Guerra Cisplatina, nem o casal estudado, nem seus filhos ou seus escravos compareceram à pia batismal da capela de Alegrete. Isso pode indicar uma emigração da família para locais mais seguros ou então uma permanência maior nas estâncias. Contudo, o que importa assinalar aqui é o grande prestígio que o casal gozava entre a elite da capela no início da década de 1820, especialmente entre os oficiais de

¹⁵ Empregamos este termo para nos referirmos aos homens que foram designados com alguma patente de oficial nos registros, bem como suas esposas. A maior parte se tratava, de fato, de oficiais de milícia, ainda que, dentre eles, possa haver alguns oficiais de primeira linha do exército imperial, da Guarda Nacional ou das forças republicanas no período farroupilha. Embora as milícias tenham sido formalmente extintas em 1831 com a criação da Guarda Nacional, esse processo não foi automático, sendo especialmente lento e conflitivo em algumas localidades, como foi o caso de Alegrete. RIBEIRO, José I.; FARINATTI, Luís A. Interesses em disputa: a criação da Guarda Nacional numa localidade de fronteira (Alegrete, Rio Grande do Sul). In: MÜGGE, Miqueias; COMISSOLI, Adriano. 2011. *Homens em armas: recrutamento militar no Brasil (século XIX)*. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 95-112.

milícia. São nada menos que sete casais onde o marido era oficial miliciano que convidaram Bento Manoel e/ou Maria Mâncio para batizar seus filhos, e só um deles tinha relação de parentesco próximo com eles.¹⁶ De fato, nesse período, o casal estudado foi o que mais recebeu convites de oficiais milicianos para batizar seus rebentos.

Há que se notar, também, que Bento Manoel e Maria Mâncio não retribuíram esses convites. Eles batizaram quatro de seus oito filhos na capela de Alegrete. Sobre os outros quatro, batizados anteriormente, em outras paróquias, não temos os dados no momento. Porém, nenhum dos batizados em Alegrete foi apadrinhado por qualquer daqueles oficiais de milícia que deram suas crianças para o casal apadrinhar. As escolhas recaíram sobre familiares de Dona Maria Mâncio, sobre o tenente-coronel João Machado de Bittencourt, quando esse era oficial superior a Bento Manoel, e sobre o coronel João Antônio da Silveira, importante oficial miliciano com atuação provincial. Esta última aliança se mostraria muito importante para a volta de Bento Manoel ao lado farroupilha em 1837, no contexto da Guerra dos Farroupos (1835-1845).

Na capela de Alegrete, porém, os convites ao casal se acumularam e se aglomeravam na primeira metade da década de 1820, época em que uma relativa paz voltava àqueles confins, gerando uma organização dos serviços eclesiásticos e talvez também de toda a vida social. Naqueles anos, Bento Manoel ocupou o comando da Fronteira e chegou ao posto de coronel, após uma bem-sucedida participação nas campanhas contra o líder oriental Artigas, na década anterior. Nesse contexto, ele também conseguiu ocupar uma posição importante como *mediador* dos interesses entre o império português, depois brasileiro, e as populações que ocupavam aquela fronteira.¹⁷ Um exemplo dessa situação está contido na resposta que deu ao presidente da província, quando este o questionou por haver permitido que famílias se arransassem indevidamente nas terras de um sesmeiro. Bento Manoel respondeu que havia tomado essa atitude no tempo em que a fronteira se achava ameaçada, para “os influir a defesa do departamento” e acrescentou que foi por este e “por outros meios políticos” que conseguira apresentar 600 homens armados ao comandante das armas, quando nenhum outro chefe conseguia reunir gente.¹⁸ Em outro episódio, naquele mesmo ano, ele escreveu à presidência exaltando o auxílio que recebera dos fazendeiros da região, através do empréstimo de cavalos para as forças em combate, chegando a um total de 413 animais. Na lista daqueles que prestaram o auxílio, o primeiro a figurar é exatamente seu compadre, o tenente-coronel João Machado de Bittencourt, e o segundo é o capitão Felisberto Nunes Co-

¹⁶ Tratava-se do então alferes José Ribeiro de Almeida, irmão de Bento Manoel. Consideramos “parentesco próximo” aqui: pai, mãe, filhos, cônjuges, irmãos, avós, tios e primos em primeiro grau.

¹⁷ Sobre o papel do “mediador” no interior do sistema político monárquico ver VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias das famílias da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)*. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

¹⁸ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo Autoridades Militares, Bento Manoel Ribeiro, 11 de dezembro de 1824.

elho, campeão de batismo e também seu compadre.¹⁹ Isto ajuda a demonstrar como a rede de relações pessoais de um indivíduo podia ser acionada em momentos necessários, como a arregimentação de homens, cavalos e armas em contextos de guerra, e de como, no interior desta rede, os compadres podiam ocupar um espaço de destaque.

Assim, Bento Manoel nos deixa entrever as relações de acesso a recursos por vias não mercantis — por canais de redistribuição e reciprocidade — e fornece pistas sobre as negociações que deviam ocorrer para construir os efetivos militares imperiais naquela fronteira. Além disso, naquele documento, o coronel também mandava um recado ao presidente, mostrando que era um chefe útil e digno de respeito, pois era capaz de reunir muitos homens em armas e conseguir cavalos, por meio de sua rede de relações. Todavia, é preciso fazer uma ressalva. A importância que o casal assumiu na capela de Alegrete, especialmente entre oficiais milicianos, não significava ali uma corporação coesa. Havia mais de uma facção na capela, com formações cambiantes, cada uma envolvendo sujeitos de diferentes estratos sociais.

Ainda no estudo deste primeiro período, vejamos agora a rede formada através da reconstrução das relações de compadrio que envolveram Bento Manoel e Maria Mâncio. Aqui, como já dizemos, além dos pais que os convidaram a apadrinhar, incluímos também os padrinhos dos filhos do casal estudado e os “copadrinhos”, ou seja, aquelas mulheres que estiveram à pia, como madrinhas, junto com Bento Manoel e os homens que estiveram como padrinhos junto com Maria Mâncio. Certamente, ser “copadrinho” de uma criança não significava o mesmo que ser compadre, porém, cremos que a reconstrução de um campo de relações a partir dos batismos ganha com essa inclusão, pois, na maioria dos casos, sugere uma afinidade entre os padrinhos e permite mapear de forma mais extensa o conjunto dos relacionamentos que o batismo ritualizava.

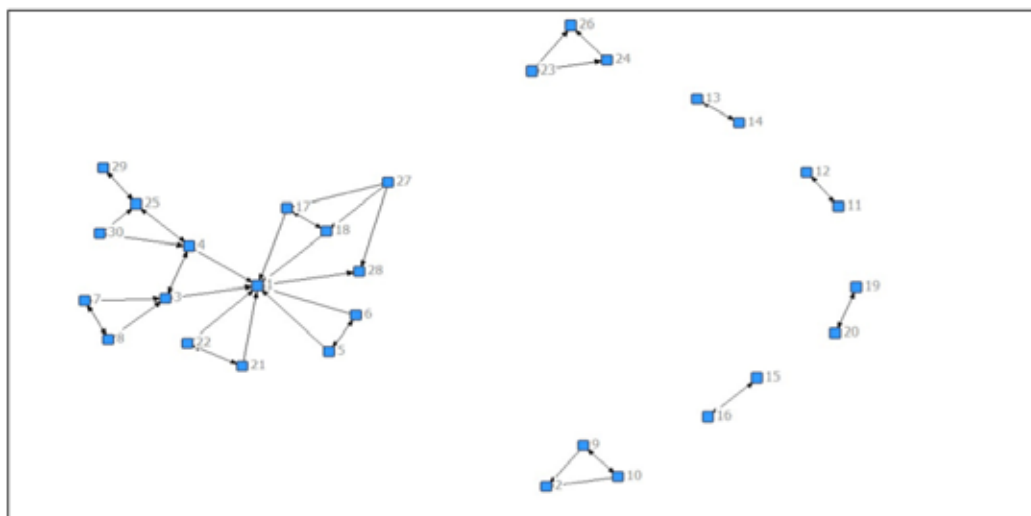
Na construção do diagrama de rede aparecem, então, todos os compadres de Bento Manoel e/ou Maria Mâncio, bem como seus copadrinhos.²⁰ As relações de casamento também estão indicadas. As setas partem de quem convidou a batizar e chegam a quem foi convidado. Copadrinhos e cônjuges têm setas duplas. Com o objetivo de dotar a representação gráfica de maior clareza, não incluímos os afilhados. Também com esse objetivo, suprimimos o casal estudado do diagrama. Assim, não será possível, aqui, verificar as diferentes ligações dos padrinhos de um e de outro. Uma representação mais completa, com essas inclusões, fica destinada a um trabalho específico. Os nomes foram substituídos por números e a lista de correspondência entre eles se encontra no anexo 1.²¹

¹⁹ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo Autoridades Militares, M 91, Bento Manoel Ribeiro, 25 de março de 1823.

²⁰ As representações gráficas (diagramas) foram utilizadas de modo um tanto impressionista, sem o cálculo de indicadores precisos de proximidade e afastamento como o realizado em outros estudos. Neste sentido, decidimos abrir mão de um excessivo rigor de caráter sociométrico caro a analistas de outras áreas de investigação (ver, por exemplo, LEMIEUX, Vincent; OUIMET, Mathieu. *Análise estrutural das redes sociais*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008). No entanto, as representações gráficas utilizadas no presente artigo apresentam uma verdadeira força analítica, não se tratando apenas de uma metáfora vaga ou de um papel meramente ilustrativo.

²¹ As representações das redes foram montadas utilizando o software UCINET versão 6 for Windows.

Figura 1
Rede de compadrio de Bento Manoel Ribeiro
e Maria Mâncio da Conceição (Capela de Alegrete, 1816-1827)



Fonte: Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Rio Grande do Sul. Alegrete. Livros de Batismos n. 1 e 2, 1816-1844.

A configuração do diagrama da figura 1 apresenta, de um lado, um conjunto agregado extenso, englobando 16 compadres e copadrinhos de Bento Manoel e Maria Mâncio que possuíam relações de compadrio e coadradrinamento também entre si.²² Além dele, estão quatro duplas e dois “triângulos”. As duplas representam casais cujos filhos foram batizados pelo casal estudado ou, no caso de um deles (números 15 e 16), foram padrinhos de um filho do casal, mas que não tinham relações de compadrio com nenhum outro compadre daquele casal. Os triângulos representam casais que escolheram apenas um dos cônjuges estudados para batizar seus filhos, ao lado de um copadrinho ou comadrinha, sendo que nenhum desses tinha relações de compadrio com os outros compadres de Bento Manoel e Maria Mâncio.

Analisando a configuração por inteiro, percebemos a presença de um grupo de pessoas com relação entre si e outro, menor, de casais que tinham suas próprias redes de relacionamento, mas nelas não entravam os outros compadres do casal estudado. Eram apenas Bento Manoel e Maria Mâncio que os conectavam aos outros. Dentre esses seis casais “isolados” (no que diz respeito somente aos laços de compadrio), nada menos do que cinco eram compostos por oficiais milicianos e suas esposas. Tratava-se de indivíduos que possuíam uma relação direta com Bento Manoel e que, por ocasião das guerras e da vida política na fronteira, acabaram criando vínculos sociais e alianças com o mesmo, sacralizadas por meio do batismo dos seus filhos.

²² A partir de agora, no que se refere às análises das redes, por uma questão prática, incluiremos na designação “relações de compadrio” também o coadradrinamento.

Ainda que esses compadrios possam ser considerados socialmente horizontais, pois se davam entre pessoas que eram, concomitantemente, oficiais de milícia e grandes proprietários, havia uma hierarquização dentro desse “estrato”. Ela se deixa perceber não apenas pelos postos ocupados, mas, sobretudo, pelo número de vínculos estabelecidos com Bento Manoel e Maria Mâncio e pelo fato de estes não retribuírem dentro da esfera do compadrio, convidando aqueles mesmos oficiais para batizarem seus filhos. Isso reforça o sentido hierárquico daquela sociedade e mostra acumulações de relacionamentos que podiam servir para fazer circular recursos materiais e imateriais.

Olhando, agora, para o conjunto agregado presente no diagrama da figura 1, percebe-se que os conectores que o mantêm unido são os nós de número 1 (Ana Doroteia Ribeiro), 3 (capitão José Ribeiro de Almeida) e 4 (Umbelina Gonçalves). Ou seja, a filha do casal estudado, o irmão e a cunhada de Bento Manoel. Deixando mais claro: os casais de fora da família convidaram o casal estudado para apadrinhar e, depois, no batismo de seus filhos seguintes, não convidaram outros membros daquela rede, mas sim pessoas de fora dela ou pessoas da família de Bento Manoel (a filha, o genro, o irmão ou a cunhada). A maioria desses casais que aparecem “unidos” na configuração de rede não tem laços de compadrio entre si, mas sim com a família de Bento Manoel e Maria Mâncio. Como se pode perceber, aqui, é justamente a análise de redes que ajuda a mostrar a importância da família no conjunto das relações que uniam esses atores, não como uma suposição *a priori*, mas sim no contexto da investigação. José Ribeiro de Almeida foi o braço direito de Bento Manoel nas campanhas da década de 1820 e na Farroupilha, onde acompanhou as suas trocas de lado e ocupou o posto de coronel, vindo a morrer em combate quando defendia Alegrete de um ataque farroupilha, em 1843.²³

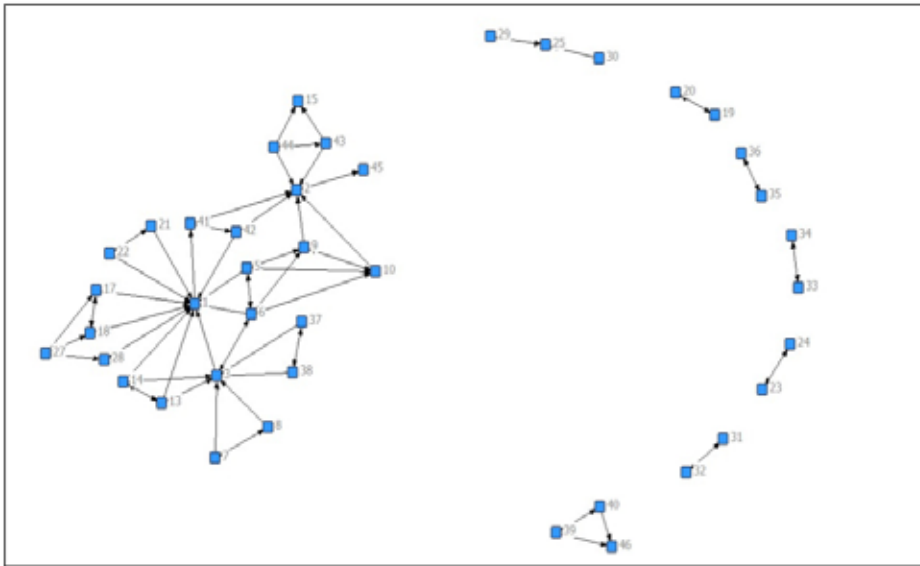
No “entre guerras”

Vamos, agora, ao período seguinte (1828-1835). Como já foi dito, tratou-se de uma época de reorganização da vida econômica e administrativa daquela povoação fronteiriça, depois do turbilhão causado pela Guerra da Cisplatina. Não se tratava totalmente de paz, pois os embates reiterados entre os líderes orientais Lavalleja e Rivera repercutiam não só nos negócios e relações que os brasileiros mantinham do “outro lado”, mas também na própria situação de Alegrete. Afinal, mais do que duas partes estanques, aquelas regiões formavam uma zona de fronteira bastante integrada, com uma instável e nova divisa nacional de permissão, com a qual os agentes tinham que aprender a lidar. Para a confecção da figura 2, mantivemos as relações estabelecidas anteriormente, porque os compadrios permaneciam ativos, e somamos a eles os que se estabeleceram neste novo período. Assim, o diagrama contempla

²³ SANMARTÍN, Olyntho, op. cit.

os compadres e copadrinhos que o casal estudado tinha naquele momento e não apenas os que estabeleceu naquele período. Por outro lado, retiramos aqueles agentes que faleceram anteriormente a 1828.

Figura 2
Rede de compadrio de Bento Manoel Ribeiro
e Maria Mâncio da Conceição (Capela de Alegrete, 1828-1835)



Fonte: Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Rio Grande do Sul. Alegrete. Livros de Batismos n. 1 e 2, 1816-1844.

O diagrama da figura 2 mostra que a configuração se ampliou, como era de se esperar, em virtude da acumulação de compadrios com o período antecedente. Contudo, ela se assemelha à anterior na sua forma geral. Um agregado de relações, agora mais extenso, ao lado de casais e triângulos isolados. Em parte, a ampliação do conjunto agregado ocorreu porque casais que convidaram Bento Manoel e Maria Mâncio para apadrinhar seus filhos buscaram, *depois*, estabelecer compadrio com outros integrantes daquela rede, demonstrando que as alianças sociais entre as famílias se entrecruzavam, oferecendo uma análise mais dinâmica das redes que se constituíam e se desfaziam em distintos contextos. Dos oito casais e uma mãe solteira que convidaram outras pessoas da rede para apadrinhar, sete o fizeram convidando Bento Manoel e/ou Maria Mâncio *antes* de convidar qualquer outro membro daquele conjunto de pessoas. Em cinco desses sete casos, eles apadrinharam o primeiro filho daqueles pais a ser batizado em Alegrete e nos outros batizaram o segundo, sendo que o primeiro foi batizado por familiares dos pais. É o caso, por exemplo, do casal capitão Felisberto Nunes Coelho e dona Ana Joaquina da Conceição (9 e 10), campeões de batismo, possuído-

res de muitos compadres já no primeiro período, mas cuja rede de compadrio mal se tocava com a do casal estudado. Eles faziam parte de uma formação triangular colocada abaixo na figura 1, representando o momento em que deram um filho a batizar por Bento Manoel e sua sogra Ana Maria Martins (2). Pois esse casal foi convidado por Albino Pereira de Lima e Mathildes Anacleto Rodrigues (5 e 6) para batizarem seu filho no segundo período, sendo, assim “atraídos” para o conjunto agregado.

Além disso, neste segundo período, Bento Manoel e Maria Mâncio foram convidados por cinco novos casais/mães para batizar seus filhos. Três deles não estabeleceram relações de compadrio com os membros da rede, substituindo os casais “soltos” que passaram a fazer parte do conjunto agregado e permitindo que a configuração geral da rede não mudasse. Isso ocorria porque continuava ativo o principal fator gerador dessa configuração, qual seja, o papel de Bento Manoel e Maria Mâncio como “porta de entrada” para os compadrios do grupo. Veja-se bem, não estamos dizendo que não havia relações anteriores importantes entre aqueles compadres do casal estudado, mas é significativo que, mesmo todos fazendo parte de uma rede de relacionamentos que representava a reiteração das alianças sociais entre distintas famílias, na hora do batismo de seus primeiros e segundos filhos, a maioria deles escolhesse Bento Manoel e Maria Mâncio, mas não outros casais presentes no diagrama.

Entre esses novos membros estava o casal capitão Athanásio Ababos, índio do povo de Santo Tomé, e dona Candelária Candi, do povo de São Luís. Em uma época em que os guaranis missioneiros faziam alianças com as diversas forças em luta naquela fronteira, esse compadrio parece bastante significativo. Foi a única vez em que Bento Manoel apadrinhou uma criança que não foi classificada como “branca” pelo padre, embora sua esposa o fizesse, ainda que minoritariamente. Também foi um dos poucos casos de um oficial de milícias indicado como índio e de uma índia chamada de “dona”. Essa aliança, sacralizada e fortalecida na pia batismal, parece ter continuado efetiva, tempos depois. Em uma memória sobre a Guerra dos Farrapos, o juiz de direito e estancieiro Francisco de Sá Britto relatou que, em 1836, o coronel Bento Manoel enviara cartas e proclamações aos quatro cantos da província, solicitando que lideranças locais dessem sustentação à posse no novo Presidente da Província, José de Araújo Ribeiro. Entre vários nomes citados, Sá Britto refere que “Acudiram igualmente com gente e cavalos ao convite de Bento Manoel seu irmão o coronel José Ribeiro de Almeida, o **capitão Athanasio** e o coronel Manoel dos Santos Loureiro, com 300 homens de Missões” (grifos nossos).²⁴ Portanto, quando necessitou de apoio militar em um momento de dificuldade, Bento Manoel acionou sua rede de relações e pôde contar com o reforço do seu compadre guarani, que certamente reuniu outros homens, ampliando a influência do coronel e contribuindo com o seu sucesso na guerra.

²⁴ BRITTO, Francisco de Sá. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, [S.d.]. p. 150.

Voltemos, agora, por um instante, à tabela 1. Ali, podemos perceber uma notável diminuição no número de vezes em que Bento Manoel e Maria Mâncio apadrinharam de doze no primeiro período, para apenas seis neste segundo. Por outro lado, o número de vezes que Ana Doroteia e seu marido e tio, Belchior Monteiro Mâncio apadrinharam, subiu de seis para onze. Em cinco dessas onze oportunidades, os pais da criança batizada já eram compadres de Bento Manoel e Maria Mâncio. Isso explica a ampliação da importância de Ana Doroteia (1) no conjunto agregado que se vê na configuração da rede de compadrio de seus pais (figura 2), mantendo laços com nada menos do que doze compadres de seus pais. Além disso, os nós de segunda ordem de importância, em termos de números de laços, também pertencem à família. São eles o capitão José Ribeiro de Almeida (3) irmão de Bento Manoel, com oito laços e dona Ana Maria Martins (2), mãe de Maria Mâncio, com sete. Novamente, a família aparece com uma importância central no estabelecimento desses compadrios no seio daquela comunidade local. Muito mais do que entre si, esses casais e mães solteiras estavam procurando Bento Manoel e sua família, às vezes repetidamente, para apadrinhar seus filhos. Parece-nos que buscar uma aliança com membros desta família tão influente na fronteira possibilitava importantes ganhos para ambas as partes, além de reforçar a posição de elite regional alcançada pelos Ribeiro de Almeida. Neste sentido, os vínculos de compadrio constituem-se um importante ponto de partida para mapear as múltiplas alianças e redes relacionais na qual os indivíduos estavam inseridos, pois, mesmo que não fosse regra geral, esperava-se dos compadres e comadres ajuda mútua em caso de necessidade ou para fins objetivos em determinadas ocasiões.

É importante destacar aqui a questão da reiteração das alianças de compadrio. Como se sabe, uma das maiores dificuldades para os historiadores, ao buscarem reconstruir redes de relações sociais, é lidar com a diacronia, com a construção, o fortalecimento, a estabilidade desses vínculos, ou, pelo contrário, com sua erosão e ruptura.²⁵ Certamente, uma fonte mais adequada para tratar desses fenômenos são as correspondências particulares, que mostram as relações sendo ativadas e reiteradas em diferentes momentos. Ao trabalharmos apenas com os assentos de batismos, não podemos ter certeza que um compadrio constituído no início da década de 1820 seguia gerando efeitos concretos e reiterados na década seguinte. Para alguns casos, porém, podemos ter um indício de que as relações se reiteravam como fortes e operantes. Era o que ocorria quando os casais estabeleciam uma nova relação de compadrio entre si, ou então com outros membros da família. Isso ocorreu com sete dos 23 casais/mães que convidaram Bento Manoel e Maria Mâncio para apadrinhar. É, de fato, impressionante que cerca de um terço dos compadres do casal tenha buscado reiterar as relações de compadrio com os Ribeiro de Almeida. Esse foi,

²⁵ BERTRAND, Michel; GUZZI-HEEB, Sandro; LEMERCIER, Claire. Introducción. En que punto se encuentra la análisis de redes en Historia? *REDES Revista hispana para el análisis de redes sociales*, v. 21, n. 1, dez. 2011.

por exemplo, o caso do tenente João Batista de Castilhos e dona Julia Joaquina da Silva (13 e 14) que, depois de terem chamado Bento Manoel e Maria Mâncio para batizar seu primeiro filho, em 1823, convidaram Ana Doroteia e seu marido para apadrinhar outro em 1832 e, ainda, o capitão José Ribeiro de Almeida e sua nova esposa, para batizar um outro filho, em 1833.²⁶

No tempo da revolução

No terceiro período, todo compreendido dentro da Revolução Farroupilha, o casal estudado foi convidado pelos pais de cinco crianças para batizá-las. Como já foi dito, Bento Manoel Ribeiro envolveu-se diretamente nos combates e esteve fora de Alegrete em boa parte do tempo, durante a guerra. Além disso, emigrou para o Uruguai juntamente com sua esposa por volta de 1840, permanecendo lá por mais de dois anos. Isso talvez ajude a entender o porquê de ele só ter apadrinhado duas crianças no período, sendo que uma delas era seu próprio neto. Nas outras três oportunidades, Maria Mâncio foi madrinha sem a sua companhia. Porém, essas razões práticas não explicam tudo, pois, durante a guerra, Bento Manoel esteve por várias temporadas em Alegrete e também poderia ter batizado por procuração quando estava fora. Colocada em perspectiva, fica clara a diminuição gradual de oficiais que convidaram o casal para apadrinhar. Dos sete casais do primeiro período, passamos para três no segundo e para apenas dois no terceiro. É provável que a inconstância política de Bento Manoel, em meio a uma guerra que dividia a sociedade e envolvia facções rivais na própria capela, tenha tornado os casais receosos de ritualizarem publicamente seus compromissos com ele através do batizado de seus filhos.²⁷

Ainda que esse fator tenha tido um papel na diminuição dos convites ao casal e, especialmente, a Bento Manoel, o prestígio da família não parece ter sido gravemente abalado. Como podemos verificar na tabela 2, os batismos em que o casal de Ana Doroteia participou cresceram a cada período, sendo especialmente importantes durante a Guerra Farroupilha. Ali a presença específica de Ana Doroteia é marcante, pois de um total de 17 oportunidades, em nada menos do que 16 ela foi batizar sem a companhia de seu marido. Um estudo próprio sobre a trajetória dessa mulher exige um trabalho específico, que está em realização. Contudo, já se pode adiantar que seu prestígio como madrinha pode ter sido composto, em conjunto com o fato de pertencer à família Ribeiro de Almeida, pelo fato de ela ter tido um papel não desprezível no espaço público e, também, em razão de não possuir filhos.

²⁶ Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Alegrete, RS. Livro 1, folha 7, 6 mar. 1820. Livro 1, folha 83v, 2 fev. 1825. Livro 2, folha 158, 30 nov. 1833.

²⁷ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Tabela 2
Número de apadrinhamentos da família Ribeiro de Almeida
(Alegrete 1816-1844)

	1816-1827	1828-1835	1836-1844	TOTAL
Bento Manoel Ribeiro e Maria Mâncio	12	6	8	26
Ana Doroteia Ribeiro e Belchior Mâncio	6	11	17	34
Severino Ribeiro de Almeida e Eufrásia Joaquina de Oliveira	0	5	13	18

Fonte: Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Rio Grande do Sul. Alegrete. Livros de Batismos n. 1 e 2, 1816-1844

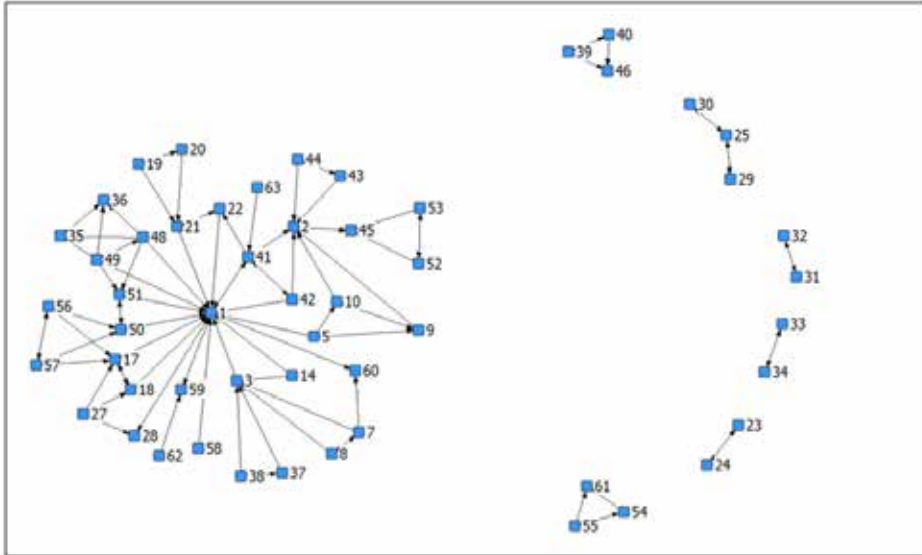
Além disso, o casal de seu irmão Severino Ribeiro também esteve bastante atuante como padrinho e madrinha no período de guerra. Severino lutara ao lado do pai, como alferes e tenente, mas, durante boa parte do período, ficou em Alegrete para cuidar das estâncias e dos interesses econômicos da família. Seu casamento com Eufrásia Joaquina de Oliveira foi fruto de relações importantes com um grupo familiar de ricos estancieiros e “campeões de batismo” na capela. Se contados todos os batismos do período geral estudado aqui (1816-1844), estes três casais figuram entre os seis “casais campeões de batismo” na capela, sendo que Ana Doroteia foi a mulher que mais vezes batizou. Por outro lado, essa presença importante dos filhos do casal estudado indica que talvez haja um componente etário na escolha de padrinhos. Bento Manoel e Maria Mâncio não eram extremamente idosos, estando na faixa dos 50 anos nesse período, contudo, ainda assim, seus filhos poderiam propiciar padrinhos e madrinhas que, em tese, seriam efetivos por mais tempo.

Por seu turno, a figura 3 mostra que, embora a configuração geral da rede de compadrios de Bento Manoel e Maria Mâncio permanecesse semelhante às anteriores, neste último período, a ampliação dos compadres se deu muito mais dentro do conjunto agregado que tinha Ana Doroteia (1) e sua avó Ana Maria Martins (2) como núcleos importantes. Um conjunto que passava a contar, também, com Severino Ribeiro (50) e Eufrásia Oliveira (51). Em apenas um dos cinco batizados em que o casal estudado esteve presente neste período se tratava de um casal de compadres sem relações naquele conjunto agregado. Será o único casal novo a perfilar-se entre os casais e arranjos triangulares isolados na figura 3.²⁸ Já diminuindo o papel de Bento Manoel e Maria Mâncio como compadres de famílias que não mantinham compadrio entre si. Porém, note-se que não houve a formação de nenhum outro conjunto agregado, em separado do conjunto principal, onde os outros membros da família ocupavam papel importante. Fora deste, somente arranjos com casais

²⁸ Tratam-se de Jerônimo Rodrigues de Siqueira (55) e sua esposa Maria Joaquina (56), que convidaram Maria Mâncio e seu filho Sebastião Ribeiro (62) para serem padrinhos de sua filha Jerônima, em 1840. Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Rio Grande do Sul. Alegrete. Livro 2, folha 348v., 25/10/1840.

ou três pessoas. Esta parece mais uma evidência da importância do núcleo familiar na ritualização dessas relações via batismo.

Figura 3
Rede de compadrio de Bento Manoel Ribeiro
e Maria Mâncio da Conceição (Capela de Alegrete, 1836-1844)



Fonte: Site Family-Search. Brazil. Catholic Church Records. Rio Grande do Sul. Alegrete. Livros de Batismos n. 1 e 2, 1816-1844.

Ao analisar o conjunto dos compadrios, tal importância não parece aleatória. Como já dissemos, Ana Doroteia esteve presente, pela primeira vez, como madrinha em Alegrete, aos 12 anos de idade, em 1821, ao lado de seu pai, o que repetiu no ano seguinte. Foi ela que, já madrinha de oito crianças, acompanhou seu irmão Severino Ribeiro em suas três primeiras oportunidades como padrinho (uma em 1831 e duas em 1834), no momento em que ele começava suas atividades como jovem oficial miliciano e administrador das estâncias, juntamente com o pai. Naqueles mesmos anos, seu irmão Sebastião Ribeiro partia para cursar sua formação superior em direito, em São Paulo. Essas variadas formações dos filhos, fosse buscando um diploma de bacharel ou representando a família nas ritualizações de alianças sociais via batismo, ou então na administração do patrimônio ou, ainda, na guerra, eram diferentes formas de preparação e já de desempenho de atividades individuais, mas que tinham repercussão para toda a família.

Contudo, como já dissemos, um dos limites dessa reconstrução é a sua circunscrição geográfica, uma vez que as relações de Bento Manoel e Maria Mâncio iam muito além da capela de Alegrete. Por meio de seus aliados, amigos e parentes, eles atingiam diversas regiões e personagens. Entre eles estavam os funcionários da corte imperial, como José de

Araújo Ribeiro, presidente da província designado pelo império em meio à Farroupilha, em 1836, e ninguém menos do que o presidente da República do Uruguai, general Frutuoso Rivera. Se, de um lado, uma sólida base social na capela auxiliava Bento Manoel a prover de homens e cavalos a si e ao grupo pelo qual lutava, por outro lado, essas relações em diversas localidades, e em diferentes esferas políticas, também repercutiam em seu prestígio no local e na capacidade de valer ao povo daquela fronteira.

Neste sentido, Bento Manoel exercia sua influência para além de Alegrete, juntando-se a outros proprietários, comerciantes e políticos na composição do que seria a *elite regional* no período. Sua capacidade de articulação e intermediação junto aos centros de poder o colocavam como um dos muitos “mediadores” que atuavam na fronteira e que, de acordo com pesquisas recentes, foram agentes importantes no processo de construção do estado imperial e no funcionamento do sistema político monárquico.²⁹ Naquele contexto, onde os senhores da guerra alcançavam uma notável proeminência política e social, Bento Manoel manejava e distribuía recursos caros à sociedade na qual estava inserido e que homens como ele eram capazes de concentrar. Dentre os diferentes fatores que favoreciam o papel influente de Bento Manoel naquela sociedade, um dos mais importantes era o pertencimento a uma ampla rede de relações, que ele podia acionar em determinados momentos e na qual os seus parentes e os seus compadres milicianos ocupavam espaços de distinção.

Considerações finais

A análise diacrônica da formação da rede de compadrio de Bento Manoel e Maria Mâncio nos proporcionou uma melhor percepção de importantes alterações não visíveis numa abordagem sincrônica. Nos dois primeiros períodos analisados (1816-1827 e 1828-1835), observamos que a rede de compadrio do casal contemplava compadres de heterogênea extração social, mas com marcante presença dos oficiais milicianos e suas esposas. Além disso, a maioria desses compadres e comadres dava preferência ao casal estudado na hora de batizar seus primeiros filhos e uma parte deles voltava a reiterar relações de compadrio com a família, até mais de uma vez. Contudo, no segundo e, sobretudo, no terceiro período, houve uma diminuição da busca por aquele casal nas relações de compadrio da capela de Alegrete. Porém, os casais de seus filhos Ana Doroteia e Severino Ribeiro passam a ter grande prestígio, apadrinhando muitas crianças. A análise das configurações das relações de compadrio

²⁹ VARGAS, Jonas Moreira, op. cit.; MARTINS, Maria Fernanda V. *A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007; COMISSOLI, Adriano. *A serviço de sua majestade: administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (c.1808 – c.1831)*. Tese (Doutorado em História) — PPGHIS-UFRJ, 2011.

mostrou como esses dois filhos e mais o irmão de Bento Manoel tornaram-se eixos principais dentro do grupo de compadres do casal estudado. Portanto, a rede de compadrio acompanha o ciclo de vida dos integrantes da família.

No entanto, não se quer dizer que se tratasse de uma organização familiar totalmente coesa sob os comandos de um patriarca, mas fica claro que havia decisões estratégicas importantes que afetavam o núcleo familiar, que alianças com alguns dos parentes próximos eram muito efetivas (caso do coronel José Ribeiro de Almeida), e que os paroquianos de Alegrete viam na família e não apenas no marechal um grupo de prestígio e de alianças desejáveis. Cremos que, a partir da reconstrução dos laços de compadrio, foi possível mapear, ainda que de maneira parcial, algumas das relações que permitiam a Bento Manoel e sua família ocuparem uma posição superior na hierarquia social e que compunham o cabedal que lhes permitia se posicionar de forma atuante e, por vezes, com elevado grau de autonomia em meio às várias contendas político-militares da primeira metade do Oitocentos.

Concluindo, é importante pensarmos que a análise centrou-se em uma família de ricos criadores de gado e oficiais militares na fronteira do Rio Grande do Sul. No entanto, tais padrões seriam identificáveis para outras regiões do Brasil no mesmo período? Essa questão continuará em aberto até que novos estudos se dediquem a investigar tais fenômenos para outras realidades históricas. Neste sentido, o estudo do compadrio, não apenas a partir da possibilidade de cartografar em formas diagramais as redes de relações dos membros de uma família, mas também nos seus aspectos qualitativos — demonstrando a importância dos compadres num momento de necessidade (apoio eleitoral, guerras, economia doméstica etc.) —, apresenta-se como um espaço aberto a pesquisas que ajudem a compreender melhor a produção do poder e os espaços de atuação e de influência das elites locais e regionais no Brasil dos séculos XVIII e XIX.

Anexo 1

Lista de compadres, comadres, copadrinhos e comadrinhas de Bento Manoel Ribeiro e Maria Mâncio da Conceição (1816-1845)

Ana Doroteia Ribeiro (dona)	1	Ana Joaquina do Nascimento	32
Ana Maria Martins (dona)	2	Athanzio Ababos (capitão)	33
José Ribeiro de Almeida (coronel)	3	Candelaria Candi (dona)	34
Umbelina Maria Gonçalves	4	Basílio Ferreira Bica (alferes)	35
Albino Pereira de Lima	5	Rosaura Ferreira Vale (dona)	36
Mathildes Joaquina da Assunção (dona)	6	Joaquim Rodrigues Jaques (alferes)	37
Américo Antonio Guterres (tenente)	7	Cândida Flora Marconde de Sá	38
Camila Antonia de Jesus	8	Carlos Pereira	39
Felisberto Nunes Coelho (capitão)	9	Cândida F. da Purificação (dona)	40
Ana Joaquina da Conceição (dona)	10	Domingos M. de Azevedo (tenente)	41
Eleutério dos S. Roballo (sargento-mor)	11	Delfina Claudina dos Santos (dona)	42
Leonor dos Santos	12	Joaquim José Lucas	43
João Baptista de Castilhos (tenente)	13	Maria Carlota de Menezes (dona)	44
Julia Joaquina da Silva (dona)	14	Antonio Monteiro Mâncio	45
João M. de Bittencurt (tenente-coronel)	15	Gertrudes Francisca de Lima	46
Felicia Gomes de Menezes	16	J. de Sá Sottomaior (reverendo)	47
Francisco Teles de Souza (tenente)	17	Marinha Estelita de Azevedo	48
Floriana Maria de Jesus	18	José Carlos Pinto (doutor)	49
Ignacio Xavier M. César	19	Severino R. de Almeida (tenente)	50
Ana Soares de Oliveira	20	Eufrasia Maria de Oliveira	51
Antonio Caetano de Souza	21	Bernardino Martins Ribeiro	52
Ana Francisca de Almeida	22	Cândida Maria J. dos Santos	53
Manoel Marques Viana (alferes)	23	Jerônimo Rodrigues de Siqueira	54
Joana Maria de Jesus	24	Maria Joaquina	55
João Antonio da Silveira (coronel)	25	Ladislao J. do A. Brandão (capitão)	56
José de Abreu (marechal)	26	Joana L. P. de Albuquerque (dona)	57
Leonarda Maria	27	Sabino Antonio da Cunha Pacheco	58
Simão Gonçalves da Camara	28	Candido de Azambuja	59
Maria L. da Costa Prates (dona)	29	Feliciano Ribeiro	60
Catarina (escrava de nação)	30	Sebastião Ribeiro (doutor)	61
Constantino Januário D'Ávila	31	Juliana (escrava)	62
		Josefa (escrava)	63

Referências bibliográficas

- BALMORI, Diana; VOSS, Stuart; WORTMANN, Miles. *Las alianzas de familias y la formación del país en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- BERTRAND, Michel. De la familia a la red de sociabilidad. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 61, n. 2, abr./jun. 1999.
- _____. Los modos relacionales de las élites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. *Anuario del IEHS*, Tandil, v. 15, p. 61-79, 2000.
- BERTRAND, Michel; GUZZI-HEEB, Sandro; LEMERCIER, Claire. Introdução. ¿En que punto se encuentra la análise de redes en Historia? *REDES Revista hispana para el análisis de redes sociales*, v. 21, n. 1, dez. 2011. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>.
- BRITO, Francisco de Sá. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, [S.d.].
- BRUGGER, Silvia M. J. Escolhas de padrinhos e relações de poder: uma análise do compadrio em São João d'El Rey (1736-1850). In: CARVALHO, José M. *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- COMISSOLI, Adriano. *A serviço de sua majestade: administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (c.1808 – c.1831)*. Tese (Doutorado em história) — PPGHIS-UFRJ, 2011.
- FARIA, Sheila de Castro. História da família e da demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FARINATTI, Luís Augusto. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Santa Maria: UFSM, 2010.
- FRAGOSO, João. Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, pardo: notas sobre a hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760). In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, M. F. (Orgs.). *Na trama das redes: política e negócios no império português, séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. O capitão João Pereira de Lemos e a parda Maria Sampaio: notas sobre as hierarquias rurais costumeiras no Rio de Janeiro do século XVIII. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla. *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo. (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

- GUAZZELLI, César A. Barcellos. *O Horizonte da Província: a República Rio-grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese (Doutorado) — PPGHIS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- HAMEISTER, Martha. *Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1863)*. Tese (Doutorado) — PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- KUHN, Fábio. *Gente da fronteira: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – Século XVIII*. Tese (Doutorado) — PPGH-UFF, Niterói, 2006.
- LEITMAN, Spencer. *Raízes Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LEMIEUX, Vincent; OUIMET, Mathieu. *Análise estrutural das redes sociais*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- MARTINS, Maria Fernanda V. *A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.
- MOUTOUKIAS, Zacarias. Família Patriarcal e redes sociais: balance de una imagen de la estratificación social. *Anuario del IEHS*, Tandil, v. 15, 2000.
- MITCHELL, J. Clyde. Social Networks. *Annual Review of Anthropology*. v. 3, p. 279-299, 1974.
- RIBEIRO, José I.; FARINATTI, Luís A. Interesses em disputa: a criação da Guarda Nacional numa localidade de fronteira (Alegrete, Rio Grande do Sul). In: MÜGGE, Miqueias; COMISSOLI, Adriano. 2011. *Homens em armas: recrutamento militar no Brasil (século XIX)*. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- RIBEIRO, José Iran. *De tão longe para sustentar a honra nacional: Estado e nação na trajetória dos militares do exército imperial brasileiro na Guerra dos Farrapos*. Tese (Doutorado) — PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- SANMARTIN, Olyntho. *Bento Manoel Ribeiro*. Ensaio Histórico. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1935.
- SANTILLI, Daniel. Representación gráfica de redes sociales. Um método de obtención y um ejemplo histórico. *Mundo Agrario, Revista de estudios rurales*, v. 3, n. 6, 2003.
- SCOTT, Ana S. V. As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. *História: Questões e Debates*, Curitiba, UFPR, n. 51, p. 13-29, jul./dez. 2009.
- SIRTORI, Bruna. *Entre a cruz, a espada, a senzala e a aldeia*. Hierarquias sociais em uma área periférica do Antigo Regime (1765-1784). Dissertação (Mestrado em História) — PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias das famílias da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)*. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.